

E tal é a novidade (Evangelho) - sem a necessidade de instrumentalização - que surgem daí: reforço de identidade, socialização e um refazer da vida com novas utopias e dignidade.

Em meio à perplexidade na qual todos se encontram devido à realidade política e religiosa brasileira, em seus diferentes aspectos, retomar referenciais teológicos de

Paul Tillich (além de outros) é tarefa necessária e fundamental. Todavia, requer disposição e ousadia.

Claudio de Oliveira Ribeiro, é Pastor Metodista na Baixada Fluminense-RJ e integrante do Programa de Assessoria à Pastoral do CEDI).

End.: Rua Emília Nunes Costa, 282/202
25010-210 DÚQUE DE CAXIAS - RJ
Tel.: (021) 224-6713 / 772-3596

OS EXCLUÍDOS: CRITÉRIO DE JULGAMENTO E CLAMOR DE SOLIDARIEDADE

Benedito Ferraro

O fato maior da atual conjuntura mundial é a exclusão social. Este é o fato maior dos anos 90! É diante dele que as Igrejas e a Teologia devem se posicionar. Nos anos 60-70, a opressão das maiores oprimidas, as massas empobrecidas significaram o fato maior. Hoje, "na atual conjuntura, o fato maior é, sem dúvida, o cruel predomínio de uma férrea lógica de exclusão, o clima de indiferença anti-solidária que a sustenta e, em decorrência, o fato de que uma imensa massa sobrando de seres humanos descartáveis tenha passado a ser vista como lixo da história"¹. Assumir este fato exige pensar a fé, a política e a cultura dentro do atual quadro econômico, regido pelo neoliberalismo.

1. O NEOLIBERALISMO -CARACTERÍSTICAS-

O neoliberalismo é atualmente o sistema hegemônico no mundo. Entretanto, sofre alguns "arranhões" e enfrenta algumas "involuções", quer em países do Tercei-

ro Mundo, quer em países do Primeiro Mundo. O neoliberalismo define-se como a alternativa contra a qual não há alternativa. No dizer de Francis Fukuyama, ele representa o "fim da História". Não admite nenhum obstáculo ao livre desenvolvimento do capital e do mercado. Por isso exige:

1.1. A Internacionalização do Capital, com total liberdade ao Mercado. Propõe a abertura dos mercados ao capital transnacional.

1.2. Estado Mínimo: Redução dos gastos sociais (uma das exigências básicas do FMI para todos os ajustes estruturais) relacionados à saúde, educação, moradia, transporte coletivo, saneamento básico...

1.3. Privatização das Estatais: O Estado não deve intervir na economia.

1.4. Entrada Indiscriminada das Novas Tecnologias, levando ao sucateamento do parque industrial nacional, gerando recessão, desemprego e a conseqüente miserabilização da sociedade (cf. SD, 179).

1. ASSMANN, H., *Crítica à Lógica da Exclusão. Ensaio sobre Economia e Teologia*, Paulus, SP, 1994, p. 129.

1.5. Exclusão dos pobres: Quem não pode competir é excluído. Cresce no mundo inteiro o número de excluídos, sobretudo nos países da América Latina, da África e da Ásia.

1.6. Quebra da Centralidade do Trabalho: O trabalho humano deixa de ser o centro da vida, substituído cada vez mais pelo poder das novas máquinas "inteligentes" e muito mais rentáveis. Com isso, o neoliberalismo impõe dificuldades crescentes à organização dos operários(as), quebrando a força dos sindicatos.

1.7. Dominação cultural via propaganda nos meios de comunicação social de forma natural e espontânea: O neoliberalismo cativa por dentro e impulsiona para o individualismo, tentando quebrar a *solidariedade entre os pobres*. O neoliberalismo provoca o "ensimesmamento insolidário".

Para ter espaço e credibilidade na sociedade, a(s) Igreja(s) e a Teologia devem se posicionar frente a este sistema. Elas devem:

a) *Lutar contra toda exclusão (pois isto é ético, tem raízes bíblicas, é evangélico).*

b) Estar ao lado da luta dos excluídos.

c) Colaborar no resgate da dignidade e da cidadania dos excluídos.

Para que isto possa, de fato, acontecer, a(s) Igreja(s) e a Teologia devem assumir a crítica que se articula contra o neoliberalismo em várias dimensões.

2. CRÍTICAS AO NEOLIBERALISMO

2.1. Crítica a partir dos excluídos

Notamos, em todos os cantos do mundo, que os pobres, empobrecidos, excluídos, não querem morrer. Defendem com unhas e dentes a vida. Resistem culturalmente, religiosamente. Reinventam a solidariedade. Buscam meios econômicos alternativos para continuar vivos, nos projetos alternativos, na economia informal.

2.2. Crítica dos Intelectuais

De várias partes do mundo, há intelectuais mostrando os limites deste sistema, quer do ponto de vista econômico, quer do ponto de vista social e, sobretudo, do ponto de vista ecológico. Recolho aqui um testemunho insuspeito do crítico norte-americano Noam Chomsky: "É importante ter em mente que ninguém sério e nenhum país rico pensa hoje que o capitalismo seja um sistema viável. Sabemos que não é. O poder dominante fala de mercado livre, mas isto é conver-

sa para países do Terceiro Mundo, o que inclui a Europa Oriental. Eles adoram mandar que essas países - o Brasil, por exemplo - sigam as regras do livre mercado, porque assim eles podem ser saqueados mais efetivamente. Essas regras, porém, jamais vão ser seguidas por qualquer país rico, da Inglaterra à Coreia do Sul, passando pelos Estados Unidos. Todos confiam firmemente na intervenção estatal"². Ao relacionar pós-modernidade e movimentos populares afirma: "Nos países ricos e pobres, as sociedades precisam se organizar e lutar por economias e governos nacionais, senão este fim-de-século vai ser indelevelmente marcado pela terceiro-mundialização do planeta"³.

2.3. Crítica dos teólogos

Pe. José Comblin faz a seguinte crítica: "A Teoria do livre mercado é uma ideologia de propaganda destinada a conseguir a livre entrada no Terceiro Mundo, mas

não a abrir os próprios mercados para os produtos do Terceiro Mundo"⁴. Os grandes sabem se defender contra os perigos do Mercado Livre. Eles têm todas as leis de protecionismo, para garantir seu mercado!

Clodovis Boff, na Primeira Semana Social Brasileira, promovida em novembro de 1991 pela CNBB, afirma: "O neoliberalismo, levado ao extremo, apresenta uma face desumana. Não estamos aqui frente a um projeto de sociedade propriamente dito, mas antes a uma ideologia de referência para o capitalismo triunfante. É uma ideologia que, como um onda imensa, se alastra pelo mundo afora e passa por cima de nossas cabeças... O neoliberalismo, no limite, pensa a economia sem pensar o trabalhador... O neoliberalismo pode se apresentar como não-ideológico e mesmo como aético. Mas é para esconder finalmente uma ideologia e uma ética materialista, economicista, antropofágica e finalmente nihilista"⁵.

2. NOAM CHOMSKY em entrevista a Hamilton dos Santos, em O ESTADO DE SÃO PAULO, 19/06/1993, Cultura, p.01.

3. NOAM CHOMISKY, *op. cit.*, p. 01

4. COMBLIN, J., "Sinais dos Tempos no final do Século XX", em *Vida, clamor e Esperança*, Loyola, SP, 1992, p.31.

5. BOFF, Cl., "O Mundo do Trabalho: Desafios e Perspectivas no Brasil hoje. Síntese e Comunicação final", em *O Mundo do Trabalho: Desafios e Perspectivas*, Paulinas, SP, 1992, pp.194-195.

2.4. Documentos da Igreja

A crítica à exclusão dos pobres frente ao sistema neoliberal aparece também nos documentos da Igreja, quer ao nível pontifício, no nível latino-americano e caribenho e também ao nível da Igreja no Brasil. Assim afirma João Paulo II: "Mas sobretudo será necessário abandonar uma mentalidade que considera os pobres - pessoas e povos - como um fardo e como importunos maçadores, que pretendem consumir tudo o que os outros produziram. Os pobres pedem o direito de participar no usufruto dos bens materiais e de fazer render sua capacidade de trabalho, criando assim um mundo mais justo e mais próspero para todos. A elevação dos pobres é uma grande ocasião para o crescimento moral, cultural e até econômico da humanidade inteira"⁶.

No Documento de Santo Domingo se afirma: "A Política de corte neoliberal que predomina hoje na América Latina e no Caribe aprofunda ainda mais as consequências negativas destes mecanismos. Ao desregular indiscriminadamente o mercado, eliminar partes importantes da legisla-

ção trabalhista e despedir empregados, ao reduzir os gastos sociais que protegem as famílias dos trabalhadores, foram ainda mais aumentadas as distâncias na sociedade"⁷.

Nas Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil (1991-1994), encontramos a seguinte crítica: "Um ponto particular da ética social, que no atual contexto merece aprofundamento, é a crítica da ideologia liberal (ou neoliberal) que, no fundo, apenas encobre sua incapacidade de subordinar a economia à política e à ética, segundo as exigências da democracia e da justiça. No contexto capitalista liberal e do consumismo, a Igreja se vê desafiada a desmascarar a idolatria do dinheiro e de um estilo de vida baseado sobre a acumulação da riqueza e, às vezes, o exibicionismo e o desperdício, tão mais graves e escandalosos em face da fome e da miséria de milhões de brasileiros"⁸.

Estas observações foram feitas para se lembrar o óbvio: que a vida é a mediação primeira, a mediação fundamental. Porém, esta obviedade nem sempre é tão visível, como afirma Darcy Ribeiro: "É óbvio, por exemplo, que

todo santo dia o sol nasce, se levanta, dá sua volta pelo céu, e se põe. Sabemos hoje muito bem que isto não é verdade. Mas foi preciso muita astúcia e gana para mostrar que a aurora e o crepúsculo são tretas de Deus. Não é assim? Gerações de sábios passaram por sacrifícios, recordados por todos, porque disseram que Deus estava nos enganando com aquele espetáculo diário. Demonstrar que a coisa não era como parecia, além de muito difícil, foi penoso, todos sabemos"⁹. Com a vida também se dá o mesmo. Ela parece ser linda, bonita, agradável, mas temos que recordar o que nos fala F. Hinkelammert: "A satisfação das necessidades torna possível a vida: a satisfação dos desejos a torna agradável. Mas para poder ser agradável, antes tem que ser possível"¹⁰. Este é o sentido primeiro da economia: proporcionar a possibilidade de vida real, através da satisfação das necessidades básicas da pessoa humana e de todas as pessoas humanas! Em outras pala-

avras, não se pode *excluir ninguém!* Não se nega o desejo, a festa, o belo, mas se afirma que sem a satisfação das necessidades básicas, isto se torna impossível.

3. EM BUSCA DE UM PROJETO ALTERNATIVO

Pensar a vida em sociedade a partir dos pobres e excluídos, é abrir-se à possibilidade do novo, à possibilidade de alternativas. Frente a um modelo de desenvolvimento excludente, que privilegia o individualismo e a fragmentação social, é abrir-se à ética da solidariedade que reconstrói as relações (reconstrução da solidariedade não mais como um dado natural, mas como uma educação, buscando-se a Lógica da Solidariedade)¹¹ e apostar na participação política que resgate a cidadania a partir dos novos sujeitos emergentes, que pela sua teimosia e ousadia, vão se transformando em testemunhos vivos da esperança do novo e vão abrindo espaço para a construção

6. JOÃO PAULO II, *Centesimus Annus*, 28.

7. SANTO DOMINGO, 179; cf. também 197.198.199.202.

8. CNBB, Doc.45, n.240.

9. RIBEIRO, R., "Sobre o Óbvio", em *Encontros com a Civilização Brasileira*, 1 (julho/1978), p.10.

10. HINKELAMMERT, F., *Crítica a la razón utópica*, DEI, São José-Costa Rica, 1984, p. 241 (Há tradução em português pelas Paulinas).

11. Hugo Assmann chama atenção para a necessidade da construção da solidariedade, não mais entendida como algo "natural", mas articulada com o exercício da cidadania (cf. *Crítica à Lógica da Exclusão*, *op. cit.*, pp.34-35. Assim se expressa H. Assmann: "A cultura de mercado hoje, se contrapõe violentamente a uma cultura solidária. A humanidade tornou-se propensa à indiferença mais cruel" (*op. cit.*, p.35).

de um projeto alternativo. Entretanto, sabemos que um novo projeto de sociedade está ainda por ser construído. Vivemos uma crise que é sentida em pelo menos três níveis:

- **conjuntural:** é a questão da recessão, com seu efeito mais perverso refletido no desemprego.

- **estrutural:** com a crise do socialismo real e a crise do próprio capitalismo, mesmo que a ideologia neoliberal cante vitória!

- **civilizacional:** os valores, os modelos de vida, o relacionamento humano global estão em questão. Basta olharmos a realidade de Ruanda, do Haiti, da Bósnia, do Rio de Janeiro: ninguém se preocupa. Nem sentimento mais se expressa em favor destes povos ou pessoas. Apenas se "vê" pela TV!¹².

Para se construir uma alternativa é necessário muita mística e uma verdadeira obra de engenharia política, pois se deverá pensar a articulação entre o micro e o macro ("pensar globalmente e agir localmente"), entre o racional e o emocional, entre o particular e o universal. E além disso temos que contar com o ritmo da história: *"Uma é a alternativa para a saída*

*conjuntural da crise (a curto prazo); outra é a alternativa de país (a médio prazo) e outra ainda é a alternativa de sociedade e mesmo de civilização (a longo prazo). De todos os modos, o projeto tem que apontar sempre para algo de factível naquele momento e não simplesmente para um sonho. Contudo, o sonho também é necessário (e inevitável). Pois é ele que fornece a atmosfera vital onde os projetos se vertebram e ganham corpo. Mas sonhar com os pés no chão e em mutirão"*¹³.

Certamente para a construção desta alternativa que tenha como escopo a inclusão de todos, em vista da vida para todos, como bem apontou a Segunda Semana Social Brasileira, exigirá rever a relação entre Mercado-Estado-Sociedade Civil. Como diz H. Assmann: *"Trata-se de conjugar mercado e planificação de metas sociais prioritárias, mediante instâncias institucionais democraticamente erigidas e implementadas. É o grande sonho de, sem abolir a economia de mercado, chegar a instituir formas institucionais que compensem sistematicamente os efeitos da lógica de exclusão própria do jogo relativamente livre do*

*mercado"*¹⁴. Em outras palavras: Mercado sim, mas com metas sociais e controle social. Neste sentido, conforme as indicações da Segunda Semana Social Brasileira, esta postura deverá repensar a relação dos cidadãos e cidadãs com o Estado, exigindo o fim da submissão do Estado aos interesses privados e seu fortalecimento como poder democratizador. O Estado, frente ao poder do Mercado, deverá funcionar como regulador da Economia. Além disso, no contexto da globalização, regida pelo neoliberalismo, o Estado Democrático deve se constituir em instrumento de Democratização da Ordem Internacional e de Solidariedade entre as Nações e Povos empobrecidos.

4. EM BUSCA DE UM NOVO PARADIGMA

A forma neoliberal de pensar a convivência humana parece estar caminhando para um beco sem saída. O que notamos é um verdadeiro paradoxo: *quanto maior o desenvolvimento tecnológico, maior o número de excluídos e mais aumenta a exclusão!* Além disso, notamos também que o atual processo de desenvolvimento tecnológico neoliberal está levando à

destruição da natureza como o habitat normal da vida. Os alertas nos vêm deste 1972, com o Clube de Roma, que já alertava para o perigo de uma catástrofe ecológica. Por isso, o novo para-digma deverá centrar-se numa visão mais cosmocêntrica e menos antropocêntrica (com repercussões também na linha teocêntrica e pneumatocêntrica e menos cristocêntrica, pelo fato de que a figura de Jesus nos ter sido passada a partir do "figurino ocidental": branco, poderoso, violento, sobretudo em sua visão institucional!).

Este novo paradigma deverá incidir numa nova relação com a natureza, no sentido da preservação do meio ambiente e numa nova percepção ecológica. Esta visão deverá também ter uma repercussão na economia que deverá ser pensada não mais como um processo de progresso infinito, mas sobretudo deverá pensar a produção e reprodução da vida das pessoas e da própria natureza. É aqui que deverá ser introduzida uma nova chave hermenêutica: pensar a vida e a própria sociedade a partir dos últimos, das vítimas, dos excluídos, para que não haja exclusão. Este princípio é o lugar de inteligibilidade da totalidade: *Esse fato maior* deve ser tomado como

12. Cf. ASSMANN, H., *op. cit.*, p.49, onde o autor fala de uma "crise sistêmica" do sistema capitalista.

13. BOFF, Cl., *op. cit.*, p.197.

14. ASSMANN, H., *op. cit.*, p.35.

ponto de partida e eixo referencial de critérios (*lugar epistemológico*) - eixo principal, mas obviamente não único nem exclusivo - para o discurso sobre cultura solidária e para as práticas correspondentes. Insistir nisso não representa uma perspectiva provinciana desde o Mundo dos Dois Terços, mas a perspectiva da humanidade como um todo e a da saúde do planeta Terra¹⁵.

Do ponto de vista teológico, podemos notar que o lugar da vítima é o lugar da verdade. É aí que Deus se deixa encontrar. É no grito da natureza devastada, desrespeitada pela gana do lucro do Capital, do Moloc devorador de vidas, que se faz sentir o apelo de Deus para que a natureza seja salva da destruição. Seu gemido é um grito pela libertação (cf. Rm 8,18-27). E na defesa dos pobres e excluídos (índios, negros, mulheres, crianças, povo da rua...) que Deus revela sua força e sua presença libertadora (cf. Lc 1,51-53). A lógica do Evangelho é a lógica que parte dos últimos. Esse é o lugar da verdade, o lugar da vítima ino-

cente. Declarar o pobre, o excluído, a vítima como inocente, é buscar o lugar de onde a verdade pode ser dita. Por isso, Deus escolhe os excluídos para que não haja mais exclusão. E numa sociedade de classes, como a nossa, para que o desígnio de Deus possa se efetivar plenamente, isto é, para que ninguém seja excluído, Deus opta pelos excluídos, pois esta é a garantia de que a misericórdia de Deus possa atingir a todos e a todas e assim possa se cumprir seu desígnio de salvação¹⁶. Este princípio nos leva também ao cerne da cristologia, pois aí podemos encontrar a identidade entre o lugar da verdade, o lugar de Jesus Cristo e o lugar da vítima. Esse desafio está presente no texto de Santo Domingo: "*Descobrir nos rostos sofredores dos pobres o rosto do Senhor (Mt 25,40) é algo que desafia todos os cristãos a uma profunda conversão pessoal e eclesial*"¹⁷. Se a Igreja, pois, reconhece no rosto dos pobres o rosto do Cristo Sofredor, o Senhor que nos interpela e questiona¹⁸, ela está declarando que os pobres, que são

vítimas do sistema e da política neoliberal, são inocentes, como inocente e não culpado foi Jesus. Por isso, "*não há lugar de onde a verdade possa falar, a não ser aquele de onde fala o próprio Cristo, aquele da vítima perfeitamente inocente e não violenta, que somente ele ocupa*"¹⁹. Desta forma, declarar que a vítima é inocente significa que o vitimário é culpado²⁰.

5. UMA NOVA MÍSTICA (NOVA ESPIRITUALIDADE)

Para que este projeto alternativo tenha sustentação, ele necessita de uma profunda motivação. Diante do fenômeno da exclusão e da não possibilidade de vida para a grande maioria dos excluídos, temos que *organizar a esperança!* E isto só será possível através de uma nova mística. O místico, no dizer de L. Boff, é aquele que tem uma confiança radical na vida e na história²¹. Por isso, frente à afirmação de que a história já chegou

ao fim (Fukuyama), temos que recriar a esperança na vida e redescobrir o sentido da história. Esta nova mística deve colaborar no resgate da dignidade e da cidadania dos excluídos e ver neles sinal de vida e não apenas pessoas que nos importunam. É necessário retomarmos as motivações presentes nas diferentes formas de ação na história e percebê-las como contribuições para se refazer a mística e a partir daí contribuir na construção de um projeto alternativo. Temos que buscar qual a força que sustenta a ação de transformação. Temos que relembrar a utopia originária do cristianismo, os ideais emancipatórios da Revolução Francesa, a luta pela justiça e pela defesa dos oprimidos no Socialismo e no Marxismo, o Humanismo com sua ética da solidariedade e da compaixão. Teremos que resgatar em nosso meio a mística presente no mundo afro e indígena, com seus valores ligados à vida, à família e à natureza.

15. ASSMANN, H., *op.cit.*, p.51.

16. TAMEZ, E., "*La elección como garantía de la inclusión*", DEI, San José, 1992, pp. 12-13. Cf. também CNBB, *Eras Tu, Senhor?!, Campanha da Fraternidade - 1995. A Fraternidade os Excluídos*, Texto-Base, Editora Salesiana Dom Bosco, SP, 1994, n.118-135.

17. SANTO DOMINGO, 178.

18. Cf. PUEBLA, 31-39; SANTO DOMINGO, 179.

19. GIRARD, R., *Des Choses cachées depuis la Fondation du Monde*, Grasset, Paris, 1978, p. 588. "*Uma teoria é cientificamente válida, se suas realizações não produzirem vítimas em sua atuação histórica. A vítima deve ser o critério de verdade de qualquer teoria*" (HINKELAMMERT, F., *Economia y Teología: las leyes del mercado y la fe*, em *Pasos*, 23 (maio/junho/1989), p.7. Também neste sentido, a Segunda Semana Social da CNBB afirma: "*O pobre é o critério da democracia!*" Onde ele estiver excluído, não há democracia!

20. Cf. HINKELAMMERT, F., "*La lógica de la expulsión del mercado capitalista mundial y el proyecto de liberación*", em *Pasos Especial* (3/1992), p.19.

21. Cf. BOFF, L. e BETTO, F., *Mística e Espiritualidade*, Rocco, RJ, 1994, p.07-08.

Esta mística deve apostar na vida, acreditando que a morte não tem a última palavra. Apostar na vida é acreditar que os índios, negros, mulheres, crianças, enfim os excluídos do mercado mundial são a epifania de Deus na história. Na sua luta de resistência, vão forjando novos valores que podem contribuir para a construção de uma alternativa que possa incluir todos na vida. A busca de uma convi-

vência humana em que a vida seja dom comum de todas as pessoas. Esta é uma mística que busca a inclusão de todos e por isso mesmo, está na base deste projeto alternativo que se busca construir.

Pe. Benedito Ferraro, é Doutor em Teologia Dogmática e Professor na Faculdade de Teologia N. S. da Assunção, e Vice-diretor na PUC de Campinas.
End.: Rua Macarai, 299, Vila Cura D'Arns
13045-170 Campinas - SP

LA TOMA DE DECISIONES EN LOS COMITÉS DE ÉTICA. LA PERSPECTIVA PAULINA DEL DISCERNIMIENTO

Leonardo Belderrain

Normalmente, ante todas las circunstancias dilemáticas en que se observan conflictos, el camino que lleva al juicio de conciencia, se realiza a través del cauce del discernimiento.

Para que el discernimiento funcione correctamente, es necesario atenerse a una técnica peculiar, tanto en la preparación, como en el desarrollo y en la evaluación. Pero esta técnica ha de estar transitada por un "espíritu".

Este "espíritu de discernimiento", se tratará de describir en el horizonte de la cosmovisión judeocristiana por su importancia y su vigencia en la matriz de las culturas occidentales.

Discernimiento: Perspectiva Bíblica

El verbo discernir (en griego, dokimazein) "es la clave de toda moral testamentaria", como lo afirman O. Culmann y el exégeta católico C. Spick.

La mayor relevancia del verbo está puntualizada en la obra de Pablo, donde posee un sentido moral en dos pasajes:

"No os amoldéis a este mundo, sino dejas transformados por una nueva mentalidad, para ser Uds, capaces de discernir lo que es la voluntad de Dios, lo bueno, conveniente, acabado" (Rm 12,2).

"Pido en mi oración que vuestro amor crezca más y más en penetración y en sensibilidad para todo, a fin de discernir lo mejor, así serán sinceros y llegarán sin tropiezos al día de Cristo, colmados de este fruto de rectitud que viene por Jesucristo, para gloria y alabanza de Dios" (Flp 1,9-11).

A nuestro modo de entender, en estos dos pasajes se exponen los elementos que integran el espíritu de discernimiento. Tales factores pueden ser agrupados en dos polaridades: una subjetiva y otra objetiva.

* La polaridad subjetiva, es que el cristiano es capaz de discernir en la medida en que se deja transformado por la nueva mentalidad (Rm 12,2).

El discernimiento moral se basa en la metamorfosis cristiana del sujeto moral. San Pablo explicita el significado de esta transformación